



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Thiago Rocha de Queiroz

JOÃO DO RISO

**SÁTIRA POLÍTICA E CRÍTICA DE COSTUMES NAS
CHARGES DE MIRANDA**

RELATÓRIO FINAL

MANAUS

JULHO DE 2009

SUMÁRIO

Identificação	03
Introdução	04
Objetivos	08
Revisão da Literatura	09
Metodologia	14
Resultados Obtidos	16
Conclusão parcial	28
Cronograma	29
Referências Bibliográficas	30

1 – IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

SIGLA: PIB-H /0090/2008

TÍTULO DO PROJETO: João do Riso: Sátira Política e crítica de costumes nas charges de Miranda (1974-1985)

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

BOLSISTA: Thiago Rocha de Queiroz

UNIDADE EXECUTORA: ICHL – Departamento de História

OBS: O PROJETO NÃO É RENOVAÇÃO

2 – INTRODUÇÃO

A escassez de material sobre o período que envolve a ditadura militar no Amazonas, as especificidades que cada região apresentou diante deste processo e a tendência de analisar o recorte temporal selecionado por um viés já bastante fatigado pela academia, lança a inquietante missão de desenvolver um trabalho que siga um caminho alternativo, fornecendo, acima de tudo, questões que nos ajudem a esclarecer como se deu, em Manaus, o complexo processo de abertura política e social que envolveu os anos de 1974 a 1985, período marcado pelo auge do AI-5, Ato Institucional que cortou temporariamente as liberdades civis em nome de uma doutrina de Salvação Nacional, e que assistiu ao “lento e gradual” processo de redemocratização do país.

Ressalto o conceito “alternativo” no sentido de buscar um caminho que escape da tendência de analisar o período da ditadura apenas como uma época de repressão total das liberdades civis, onde a população foi subjugada a viver sob um regime de terror e imparcialidade, onde o Estado manifestou sua força coercitiva em nome de um ideal de nação, como vem demonstrando, ao longo dos anos, o cinema e a literatura nacional.

Mesmo com todo o material especulativo que demonstra que a década analisada manchou de sangue um país marcado pela sua alegria, devemos rever esses discursos para ter assim uma visão mais abrangente sobre o período, demonstrando suas contradições internas e externas, rupturas e permanências dentro de uma sociedade que parece tentar cristalizar o período com apenas um referencial.

Sem desvalorizar a importância de tais materiais, procurei traçar um caminho que percorresse, dentro do contexto da ditadura brasileira, em especial a amazonense, por um viés que não anulasse a perspectiva de que houve apoio considerável por grande parte da população e que, os movimentos sociais contra o estado, foram bastante centralizados, aparecendo apenas como “revolucionários” nos momentos em que o próprio Estado, sob a tutela dos militares, já se encontrava insustentável.

Levando em consideração que o Estado controlava os meios de comunicação e a imprensa conduzia os discursos que deviam formar a opinião do público consumidor dos periódicos, utilizar das charges humorísticas como fonte de representação do espaço

político e sócio-cultural da cidade de Manaus, pode nos fornecer um caminho alternativo para um estudo mais amplo da história amazonense, se cruzarmos as caricaturas com fontes oficiais, formulando assim hipóteses sobre como a imprensa, dentro desse contexto de regime militar, se manifestou através do humor e o que ela pode nos revelar, a partir do dito e não dito das charges, sobre seu espaço político e sócio-cultural.

Delimitamos o estudo das charges sobre dois temas específicos: *A sátira política e a crítica dos costumes*.

Estudar a charge é acima de tudo, estudar o fenômeno do *riso* dentro da sociedade. Dentro de um contexto tão singular para a história do país e tão cheio de contradições, o Humor, como campo de estudo na história cultural, traduz bem mais do que um simples estado de espírito, como nos diz o historiador Francês Georges Minois, na sua obra intitulada “*A história do Riso e do Escárnio*”:

“*Seu teor ambivalente e ambíguo pode expressar a alegria pura ou o triunfo maldoso; na encruzilhada do físico e do psíquico, do individual e do social, do divino e diabólico, ele flutua na indeterminação...*”.

Como o próprio autor diz em sua obra: “*o riso tem tudo para seduzir o espírito moderno*”. É justamente essa postura de ambivalência que pretendo dedicar uma parte desse projeto.

Mas afinal, ao utilizar as charges, qual o objetivo de estudar a sátira política e a crítica dos costumes?

Antes de responder a essa questão, necessito fornecer algumas informações importantes:

O título do projeto, *João do Riso - Sátira política e crítica dos costumes nas charges de Miranda*, diz grande parte do que iremos tratar no trabalho. Primeiramente, *João* provém do nome do artista que iremos explorar: *João Miranda de Queiroz*.

De acordo com as pesquisas, o chargista trabalhou durante 47 anos no periódico de maior circulação na cidade, o jornal *a crítica*, produzindo quase que diariamente suas obras com uma circulação de alcance superior aos demais jornais.

Miranda representou grande parte dos acontecimentos da cidade e guardou, dentro de suas charges, mesmo com a filtragem dos órgãos de censura, fontes que nos servem para a interpretação dos fatos e acontecimentos, nas diversas esferas, que marcaram e compuseram grande parte da trajetória histórica do povo amazonense.

Produto legítimo de seu tempo, Miranda, um dos pioneiros do ofício no estado, representou o universo amazonense a partir dos referentes que possuía, expressando, através do humor visual, uma visão de mundo que, mesmo acorrentada aos valores de sua época e pelos limites impostos pelos já mencionados órgãos de censura, nos permite identificar, a partir de uma curta análise semiótica da produção e circulação das suas obras, os discursos que permeavam o contexto de um período singular, marcado, sobretudo, por transformações que refletiram um processo inverso e paralelo ao “lento e gradual” contexto de redemocratização.

Refiro-me aos grandes projetos de desenvolvimento nacional herdados do governo Juscelino Kubitschek e que, dentro do regime militar, tomaram corpo, apresentando-se de forma específica em cada região.

Suas charges possuíam, através do riso, uma clara *função social*, pois seu alcance e popularidade possibilitavam, por um curto espaço de tempo, que a sociedade se enxergasse dentro de sua própria contradição, dentro deste “*país da piada pronta*” chamado Brasil, como nos diz o historiador paulista Elias Thomé Saliba no seu trabalho *Raízes do Riso*.

Manaus, historicamente, com exceção do curto período áureo de surto da borracha, sempre foi vista pelos discursos dos governantes do sudeste como um grande vazio, seja demográfico, seja cultural. Perceber o fenômeno da modernidade, a partir destes grandes projetos de desenvolvimento e analisar os seus efeitos colaterais, permite visualizar o processo amplo e complexo que envolveu o regime militar, não só como um momento político marcado pela ação severa do estado, mas também como um importantíssimo período de transformações sócio-culturais, visto que a marcha do “progresso” trouxe dentro de si a desconstrução de valores, culturas, costumes e de tudo aquilo que profana o espírito implacável desta modernidade que, segundo a frase clássica de Marx, “se desmancha no ar”.

Dentro de um período tão marcado pela transformação, devemos ter a cautela de pensar Miranda como um sujeito que utilizou da arte para expressar, acima de tudo, um discurso. Ao satirizar os costumes da época e retratar o seu painel político através do humor visual, o artista acabou revelando, a partir de sua postura diante das obras, um pouco da sua própria visão de mundo e, conseqüentemente, do contexto social em que estava inserido.

É sobre essa tênue fronteira que este projeto irá caminhar, analisando, a partir de suas obras, as transformações políticas, sociais e culturais de um povo que historicamente foi posto sobre ciclos econômicos de forma súbita; que enxergou nos projetos de desenvolvimento da região o mesmo contraste característico da construção de seu povo; que riu de tudo que “transvalorava” os bons costumes; que assistiu no sofá, ao som de marchinhas como “pra frente Brasil”, o auge e a decadência de um regime que, na tese de Boris Fausto, “*nunca se mostrou expressamente autoritário*”, pois justificava suas ações como fundamentais para o desenvolvimento pleno do país.

Estudar a sátira política e a crítica de costumes dentro das charges de Miranda é, acima de tudo, estudar sobre nós mesmos, enquanto resultantes diretos e indiretos desse processo. Os registros sobre as transformações estruturais, políticas e sócio-culturais que perpassaram os anos de regime militar são fundamentais para a compreensão da realidade atual, pois esclarecem as rupturas e permanências ainda cristalizadas em nosso cotidiano. O riso, este fenômeno exclusivamente humano, é útil no sentido em que, ao desnudar a realidade, revela, através do contraste acionado pelo sentimento de estranhamento, o embate entre idéias que foram postas, historicamente, fora do lugar e que se confundem com o processo de formação do povo brasileiro, especialmente marcado por uma identidade composta pela diferença.

3 – OBJETIVOS

Os objetivos que se pretendeu alcançar com esta pesquisa foram:

- Historicizar o contexto de auge e decadência do regime militar no Amazonas utilizando das charges como fonte para o estudo e análise do imaginário político e sócio-cultural da cidade de Manaus no período entre 1974 e 1985
- Analisar especificamente os temas de sátira política e crítica de costumes nas charges de Miranda, buscando resgatar o panorama político e sócio-cultural manauara a partir da identificação dos aspectos latentes no conteúdo manifesto das charges

4 – REVISÃO DA LITERATURA

Descrever com propriedade o conjunto de obras, teóricas e metodológicas, que ajudaram, direta e indiretamente, na construção deste projeto é, talvez, uma das tarefas mais difíceis desta pesquisa. Entretanto, comprometo-me em relatar apenas as *obras principais*, selecionando-as de acordo com o objetivo proposto pelo projeto. A revisão da literatura utilizada é essencial na medida em que nos faz perceber o conhecimento histórico como uma grande “tecelagem metodológica”, como um denso e complexo “emaranhado de retalhos” em busca de hipóteses cada vez mais profundas.

Iniciamos a pesquisa com a leitura de trabalhos que possuíssem um modelo semelhante ao horizonte que o projeto deveria nortear. Trabalhando a questão das representações humorísticas no contexto da república brasileira, em sua obra *Caricata Republica – Zé Povo e o Brasil*, **Marcos Arruda da Silva** faz um resgate da história carioca analisando, através do personagem Zé Povo, o processo contraditório de transformações políticas e sociais desencadeado pela instauração do modelo republicano no Brasil. Zé Povo simboliza a própria contradição que envolveu o projeto de modernização do país no século XIX, onde se percebe que grande parte da população, excluída e marginalizada deste processo, assistiu “bestializada” a instauração de um modelo de poder que assumiu em seu discurso uma postura libertária, mas que na prática continuou socializando o discurso da desigualdade social.

O tema “modernidade” traz em suas veias certo parentesco com a nação brasileira. Desde a chegada da família real em 1808, observa-se o início de um processo acelerado de remodelagem do espaço brasileiro em virtude da necessidade que o estado português encontrava de instituir suas instâncias de poder. Acompanhado a esse projeto desenfreado de estruturação, converge contra ele toda uma conjuntura de âmbito popular que vai entrar em embate com os novos costumes e hábitos impostos pela “cultura oficial”. A resistência contra o discurso científico e a nova organização do espaço social da cidade, até então capital do país, vai gerar conflitos não só de cunho político e social, mas também de caráter cultural.

A luta e a resistência contra esta modernidade que “tudo profana”, se mantém no espaço da “belle époque” brasileira, início do século XX, momento onde esta força

talvez tenha encontrado o espaço ideal para manifestar seu teor. **Elias Thomé Saliba**, Historiador Paulista, na obra intitulada *Raízes do Riso*, vai analisar o humor como forma de representação da história Brasileira seguindo a tese de que o contraste produzido pelo riso acompanha e se confunde com a trajetória social do país.

O riso, este fenômeno que pode surgir do sentimento de estranhamento, traduz a contradição de um povo que se identifica pelo contraste, pela multiplicidade de povos e etnias que compõem este grande mosaico chamado Brasil. Seu trabalho é fundamental no sentido de que interpreta o riso como um fenômeno que encontrou no país um ambiente hospitaleiro e aconchegante, pois o humor marca a personalidade dos povos brasileiros, culturalmente colonizados por este implacável fenômeno natural.

Identificar o riso como um sentimento de resistência é transcender o conceito de uma simples sensação e atribuir a ele a condição de “visão de mundo”, como nos diz o filósofo austríaco Wittgenstein.

Marshall Berman, em seu estudo sobre a modernidade *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*, me permitiu visualizar o seu impacto, ao trabalhar as obras de Goethe, Marx e Baudelaire. Na medida em que esclarece a força de sua natureza, o autor aborda este aspecto destrutivo e regenerador, divino e diabólico, e nos dá a possibilidade de cruzar essa perspectiva com o fenômeno do riso.

Adentrando mais especificamente no terreno do Riso, estudei, para compor um conjunto heterogêneo de perspectivas, dois grandes teóricos do tema: *Henri Bergson* e *Mikhail Bakhtin*.

O objetivo de estudar os dois teóricos é pelo motivo de possuírem perspectivas distintas, mas que, mesmo antagônicas, somam-se no sentido de que abordam o tema de forma complementar. **Henri Bergson**, na sua obra *O riso – ensaio sobre a significação do cômico* demonstra, a partir de um grande número de exemplos, que o riso, dentro da sociedade, possui uma *função social*. Segundo o filósofo, a comicidade nasce da “*antítese entre elementos mecânicos e vivos*”. Por “*elementos mecânicos*” entendemos a forma sistemática que nos comportamos dentro do espaço da sociedade, a partir da naturalidade aplicada aos movimentos rotineiros do cotidiano. Quando essa linha mecânica é quebrada, Bergson descreve que é neste erro, neste contraste, nesta ruptura que se encontra o elemento humano, ou seja: o aspecto vivo.

Para Bergson, o riso é justamente a manifestação temporária do elemento vivo dentro do ser humano, reprimido pela consciência e pela mecanicidade da vida. Entretanto, ao rir, estaríamos produzindo, ao mesmo tempo, um sentimento de distanciamento, pois há a necessidade, pelo contraste da sátira, de inferiorizar o objeto risível. Sendo assim, rimos, sobretudo, para *restabelecer os elementos mecânicos que formam as relações sociais*. Apesar disso, o riso nos revela, temporariamente, a ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica.

A visão do riso como uma manifestação ligada ao escárnio, à zombaria e à sátira é segundo **Mikhail Bakhtin** uma noção desenvolvida a partir do Renascimento. É neste período que o riso torna-se um aspecto individual e inicia um processo de limitação e racionalização do seu sentido. Na brilhante obra *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, O contexto de François Rabelais*, o autor desenvolve a idéia de que na idade média, a cultura popular se expressava justamente pela comicidade diante do mundo, e que o riso, dentro deste contexto, possuía um sentido mais amplo e universal. Seu sentido traduzia a plenitude da vida e, especificamente, dentro do período de carnaval, determinado pela cultura oficial, a vida “séria” convertia-se temporariamente em uma jurisdição onde a liberdade era a sua lei.

O riso rabelesiano é a expressão ambivalente e universal da vida! É um fenômeno fundamental para a renovação do espírito, adormecido pelo controle do que ele conceitua como “cultura oficial”. Percorrendo livre sobre o outro extremo da natureza humana, o Riso revela assim o lado instintivo e dionisíaco da vida. A comicidade diante do mundo revela a incongruência de perspectivas que marca a identidade da cultura popular.

Essas duas perspectivas sobre o riso são abordadas no trabalho do Historiador francês **George Minois** *A história do riso e do escárnio*. A obra faz um balanço geral sobre as diversas concepções históricas do riso, ajudando a compreender sua trajetória dentro da evolução da humanidade.

Um estudo teórico sobre o riso é fundamental em um projeto que utiliza do humor como forma de representação e que pretende trabalhar o conteúdo das charges como fonte documental de um período da história amazonense ainda cheio de lacunas.

O Clássico *A história da caricatura no Brasil* de **Herman Lima** serviu ao estudo da caricatura como um divisor de águas. Sua abordagem, ao longo dos seus quatro volumes, faz uma retrospectiva das produções humorísticas ao longo da história brasileira, nos fornecendo um panorama geral dos trabalhos oficiais e clandestinos que, ao ridicularizarem seus personagens, revelavam ao público, através do riso, sua forma essencial.

Estudos mais recentes sobre a caricatura como fonte de representação revelam o crescimento e a relevância dada às fontes visuais dentro do campo da produção histórica. O livro de **Joaquim da Fonseca** *Caricatura, a imagem gráfica do humor* foi, durante a pesquisa, de grande importância na medida em que propõe, a partir de sua abordagem técnica e conceitual sobre o tema, um estudo geral sobre os conceitos e a trajetória do humor enquanto expressão de liberdade e resistência.

Em virtude do curto espaço de tempo, foi necessário encontrar livros que abordassem o contexto do regime militar de uma forma geral, mas que não prejudicasse a qualidade teórica da pesquisa. *História do Brasil* do Historiador **Boris Fausto** e *A década de 60*, de **Maria Helena Simões Paes**, forneceram informações necessárias para o cruzamento dos fatos históricos com as charges de Miranda. Mesmo possuindo conteúdos bastante sintéticos sobre o tema, sua importância, em relação à pesquisa, se dá no sentido de que possibilitaram visualizar o panorama político e sócio-cultural do país, permitindo a análise, a partir do cruzamento das fontes, sobre como pode ter refletido em Manaus as decisões vindas a partir do seu centro político.

O complexo da Amazônia, de **Djalma Baptista** e o Artigo *Um novo estilo de ocupação econômica da Amazônia: os grandes projetos*, de **Rosineide Bentes**, serviram como fontes de dados importantes sobre os Grandes Projetos que, vinculados com a expansão das multinacionais, desembocaram na região com o intuito de preencher as lacunas de seu “vazio demográfico” e de integrar, definitivamente, a Amazônia à economia nacional.

Certamente, na questão de analisar os diversos discursos sobre o período militar, a obra *Visões do Golpe*, organizada por **Maria Celina D' Araujo**, **Gláucio Ary Dillon Soares** e **Celso Castro**, talvez seja a mais intrigante. Sua abordagem traz ao debate o discurso militar e revela ao público “o outro lado da moeda” do processo. O ponto de vista militar sobre a revolução de 1964 possui um tom que justifica todos os

atos com bastante convicção, revelando as contradições internas do regime. Ao longo dos vários depoimentos proferidos por antigos membros das forças armadas, observam-se certos pormenores interessantes, tais como: a ausência de projetos de nação, os ideais militares e a ameaça de quebra hierárquica, o medo da instalação de uma república sindicalista e a profunda indignação por parte dos militares contra a imagem que a sociedade construiu após a redemocratização do país. Segundo os relatos, a revolução só se fez pelo impulso dado pela própria sociedade.

Por fim, o livro do Advogado **Arlindo Porto** *Umberto Calderaro Filho – Legenda de trabalho e de amor pelo Amazonas* me serviu como fonte na medida em que faz uma biografia sobre o diretor geral do periódico, o Jornalista Umberto Calderaro Filho. A história do jornal *A crítica* é a história de Calderaro, falecido em Junho de 1995, após uma embolia cerebral – problema vascular causado por obstrução de uma artéria. Calderaro fundou o Jornal em 19 de abril de 1949 com apenas 22 anos de idade.

Sendo bem sintético, acredito que há uma razão em articular estas obras pelo motivo de que, *mais do historicizar o contexto das charges, dentro do espaço político e social manauara, devemos compreendê-lo dentro de sua complexidade*. João Miranda foi um homem que acompanhou este processo de modernização estrutural da cidade e que registrou através do humor as transformações políticas e culturais de toda uma sociedade. Sua crítica aos costumes é talvez mais explícita pela pouca liberdade que o Jornal concedia à manifestação das sátiras políticas. Apesar disso, durante a pesquisa, nas pequenas entrelinhas das charges, é possível perceber, a partir do não dito e até mesmo do que tentou explicitar demais, um discurso ligado extremamente a uma visão não só pessoal, mas também de cunho coletivo.

As charges dos anos correspondentes a 1977 e 1978 já acompanham outro ritmo, instaurado pela política de abertura lenta e gradual do governo Ernesto Geisel. Nesse período, Miranda começa a produzir mais charges com temas relativos à sátira política, talvez impulsionado pelo período conturbado de transição.

Na necessidade de estudar as charges dentro de uma ótica mais abrangente, se tornou impossível não estudar tais trabalhos, pois suas diferentes perspectivas permitiram que eu pudesse criar a sensibilidade ideal para identificar em um simples desenho, toda uma conjuntura que estava em um acelerado processo de transformação.

5 – METODOLOGIA

O processo de construção do projeto se deu, inicialmente, com o **recolhimento biográfico** das obras que estivessem em relação direta e indireta com a temática abordada. A seleção foi fundamental para o direcionamento que a pesquisa iria seguir com o passar dos meses e a leitura dos trabalhos foi realizada constantemente, tendo uma maior ênfase no período de Novembro a Janeiro de 2009, em virtude do tempo destinado à pesquisa documental.

Após o citado recolhimento, percebi a escassez de trabalhos que abordassem sobre a temática e parti para metodologias alternativas. **As visitas** a central do Jornal *a crítica*, em julho de 2008, me ajudaram a perceber o contexto profissional que o chargista conviveu ao longo dos seus 47 anos de profissão. **As entrevistas** com os funcionários e diretores, esclareceram um pouco sobre seu cotidiano e revelaram um importante dado: a sua amizade pessoal com o diretor chefe do Jornal, Humberto Calderaro Filho.

Muito querido por todos, João Miranda possuía, segundo a análise parcial da pesquisa, um elo pessoal com o diretor geral do periódico, participando diretamente das reuniões formais e informais e obtendo assim uma visão ampla das decisões internas da empresa.

Importante ressaltar este dado pela hipótese ligada aos limites que o chargista deveria traçar em suas obras.

Imaginando que o Jornal concederia as obras do chargista sem muita resistência, fui surpreendido com a informação de que a máquina de microfilmagem estava com defeito e que as obras estavam em processo de digitalização. Diante da “suspeita” informação, fui levado a campo para **coleta das charges**, buscando encontrar Institutos que possuíssem o material correspondente ao recorte temporal selecionado.

Orientado a pesquisar no IGHA, Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, encontrei no local material suficiente para fomentar a pesquisa. Diante do enorme acervo, o problema se inverteu:

Como selecionar o que não deveria ser pesquisado, em virtude do curto espaço de tempo?

Em consenso com o orientador, decidimos que o melhor a fazer era **fotografar as charges oscilando os meses**, e, caso houvesse necessidade, selecioná-las de acordo com os fatos relevantes de cada mês, quebrando assim, temporariamente, a lógica do método.

Essa metodologia me possibilitou fotografar as charges com a tranqüilidade de que conseguiria abordar o recorte temporal sem deixar de lado o conteúdo teórico. Mesmo que isso causasse o terrível incomodo de estar perdendo fontes preciosas para o projeto, fotografar as charges e analisar tranquilamente as notícias do seu contexto, a partir do **cruzamento de fontes**, compensou este sentimento e me lançou desafios maiores que certamente terão continuidade após o termino desta pesquisa.

Pesquisando regularmente até Novembro de 2008, fui informado que o Instituto, por falta de financiamentos do governo, iria fechar por tempo indeterminado. Depois de muita especulação e esperando a decisão dos órgãos competentes, procurei preencher o tempo, como mencionado no primeiro parágrafo, com a **leitura objetiva das obras selecionadas** no intuito de preparar o discurso para a **apresentação parcial** do projeto.

Para a apresentação parcial, fizemos a **seleção do material correspondente às temáticas específicas** de sátira política e crítica de costumes, em formato de Power point, para organizar o conteúdo de forma clara e consistente.

Durante os meses seguintes, esperamos o IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas) reabrir suas portas para que assim pudéssemos recolher o restante do material proposto. Abrindo muito esporadicamente em virtude de questões burocráticas, **conseguimos coletar no IGHA cinco anos** de material, acarretando assim a decisão de que o melhor a fazer, diante das circunstancias, era **diminuir o recorte temporal** em virtude do tempo destinado às leituras e a análise das fontes.

Com um material que vai de janeiro de 1974 a novembro 1978, não houve grandes problemas quanto ao andamento ao projeto, visto que alcançamos bons resultados mesmo sem possuir os dez anos de documentação.

6 – RESULTADOS OBTIDOS

Procurando sempre seguir os objetivos do projeto, os anos analisados revelaram algumas hipóteses interessantes:

1. O tema de **Sátira Política**, dentro do Jornal *A Crítica* foi aparentemente bastante controlado pelos órgãos de censura. Argumento pela quantidade de charges relativas ao tema, infinitamente inferior a crítica de costumes e às denúncias de infra-estrutura. Apenas em momentos de eleição apareciam explicitamente a disputa interna entre ARENA e MDB, demonstrando assim a eficiência de órgãos como o SNI, antigo DIP, na conjuntura política da capital do Estado.
2. Mesmo com os limites impostos pelos órgãos de censura, penso se o chargista possuía a idéia de que seu discurso visual estava sendo recriminado ou que desafiava de alguma forma o Estado. Analisando pela semiótica da circularidade, a charge, para que tenha um alcance social, deve, em seu conteúdo, corresponder ao imaginário popular de sua época. Fugindo de qualquer anacronismo, devemos pensar o regime militar como um período onde o discurso das forças armadas tomou uma dimensão ideológica de salvação nacional e que os movimentos de resistência foram combatidos com a justificativa de que eram, de fato, nocivos ao estado e a vida social. O regime, como o seu próprio termo nos demonstra, possuía um período determinado. Um regime não duraria tanto sem o apoio de grande parte das camadas populares.
3. Com relação à **crítica de costumes**, observei alguns pontos que foram bastante enfatizados. Comentarei rapidamente a relação entre as charges e o seu contexto, no intuito de demonstrar a sua importância como fonte de representação:

Miranda



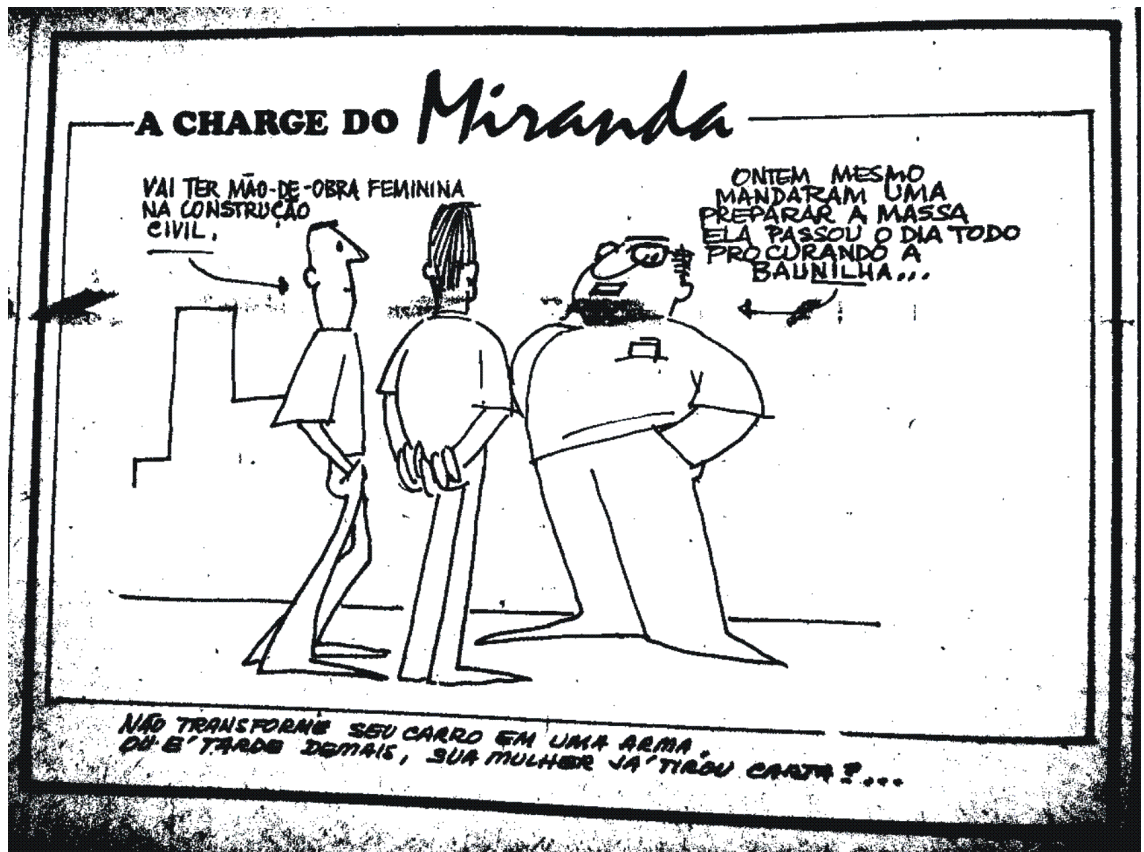
A BOSSA AGORA
É FAZER TANGAS
COM BOLSINHOS.
TÊM ALGUMAS
EM QUE CABE
UMA FOTO 3x4...

13.01.1975 – Segunda Feira

- *Seja Homem!*
- *Por que, voltou a moda?*

Adicional: *A bossa agora é fazer tangas com bolsinhos. Têm algumas em que cabe uma foto 3x4...*

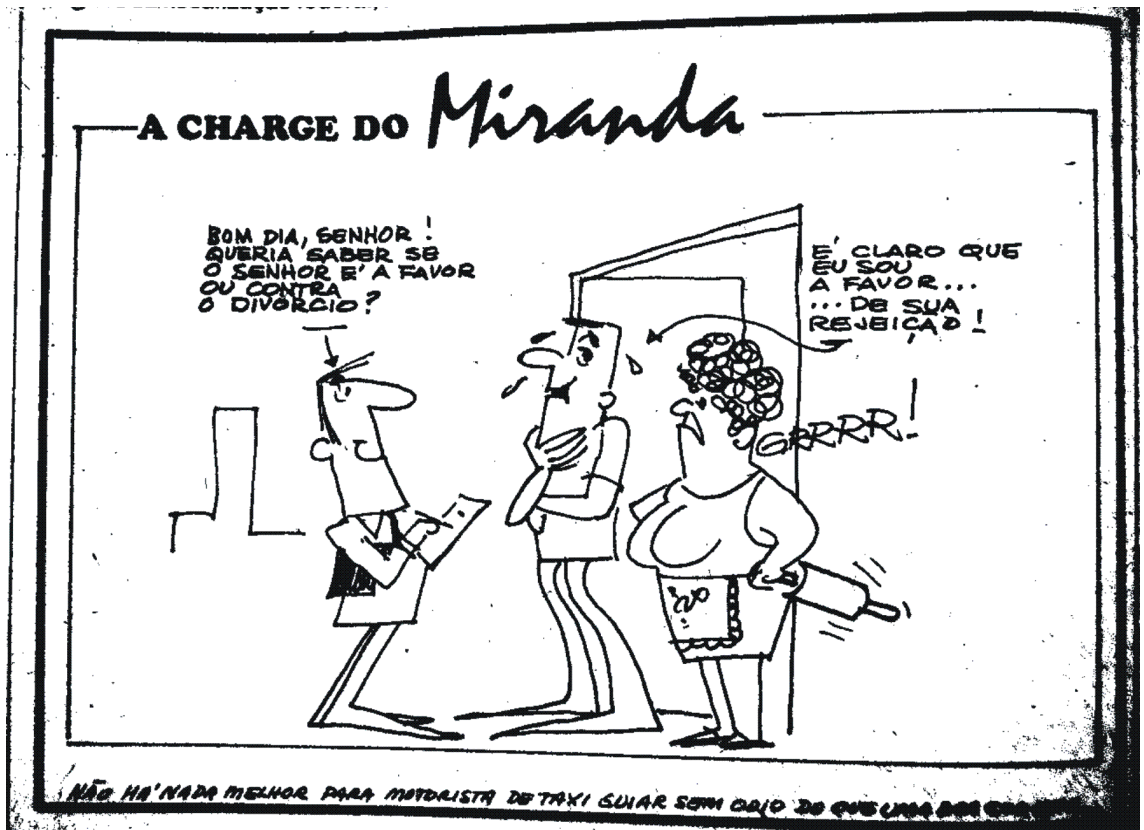
A crítica às mudanças de comportamento, influenciadas pelos discursos de liberdade, como o movimento hippie, e a quebra de tabus relacionado à sexualidade, geralmente destinada à mulher, foram temas que geraram bastante polêmica nesse período. A prisão de hippies, taxados como “subversivos” e a crítica severa da sociedade contra a lingerie (no caso a tanga, ainda em processo de aceitação social), revela um panorama conservador que negou absolutamente a liberdade de expressão e que, dentro da cidade de Manaus, tomou a mesma projeção.



07.05.1975 – Quarta Feira

- Vai ter mão-de-obra feminina na construção civil.
- Ontem mesmo mandaram uma preparar a massa. Ela passou o dia todo procurando a baunilha...

A charge demonstra a profunda resistência à inserção da mulher no mercado de trabalho e também uma campanha contra a manutenção de determinados valores e posições sociais. No ano de 1976, precisamente no mês de agosto, a academia amazonense de letras abriu as portas para a primeira mulher, demonstrando os avanços sociais e a luta pela igualdade também no campo da intelectualidade, historicamente composta por homens.

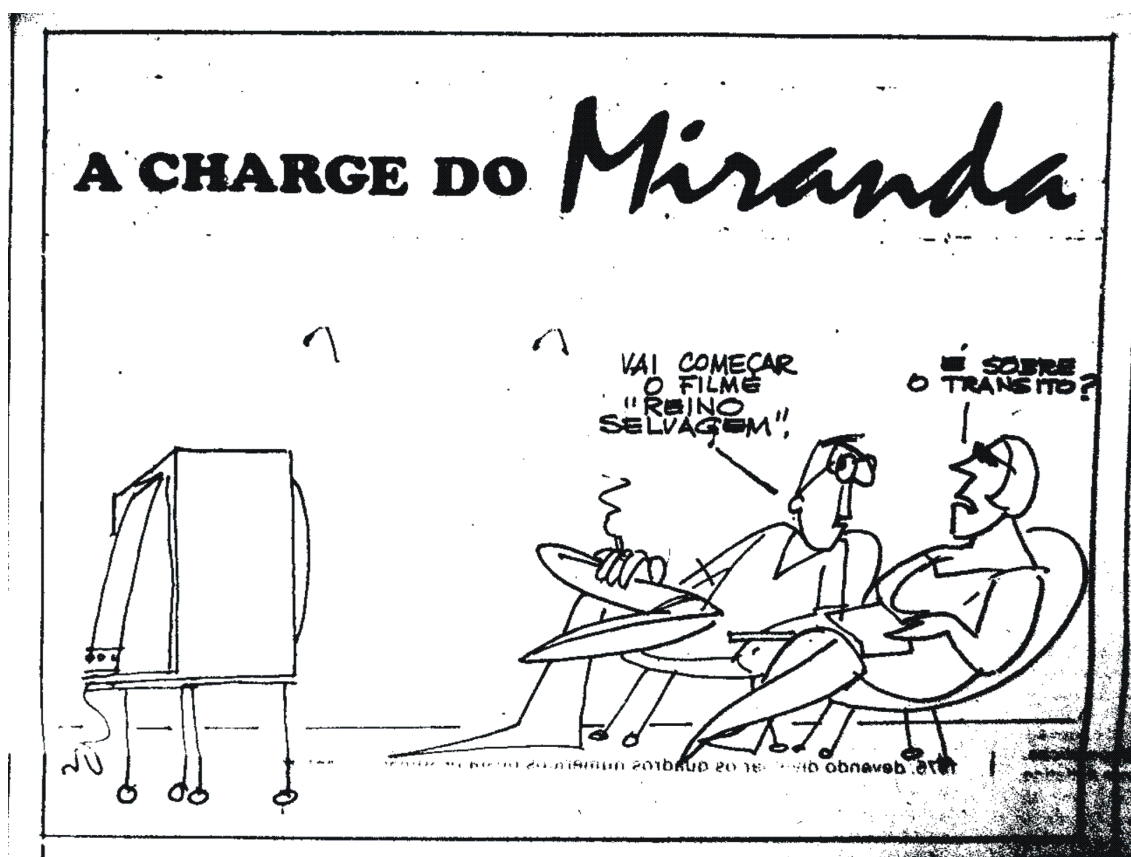


16.05.1975 – Sexta Feira

- Bom dia, senhor! Queria saber se o senhor é a favor ou contra o divórcio?
- É claro que sou... A favor... De sua Rejeição!

Adicional: Não há nada melhor para motorista de taxi guiar sem ódio que uma boa gorjeta...

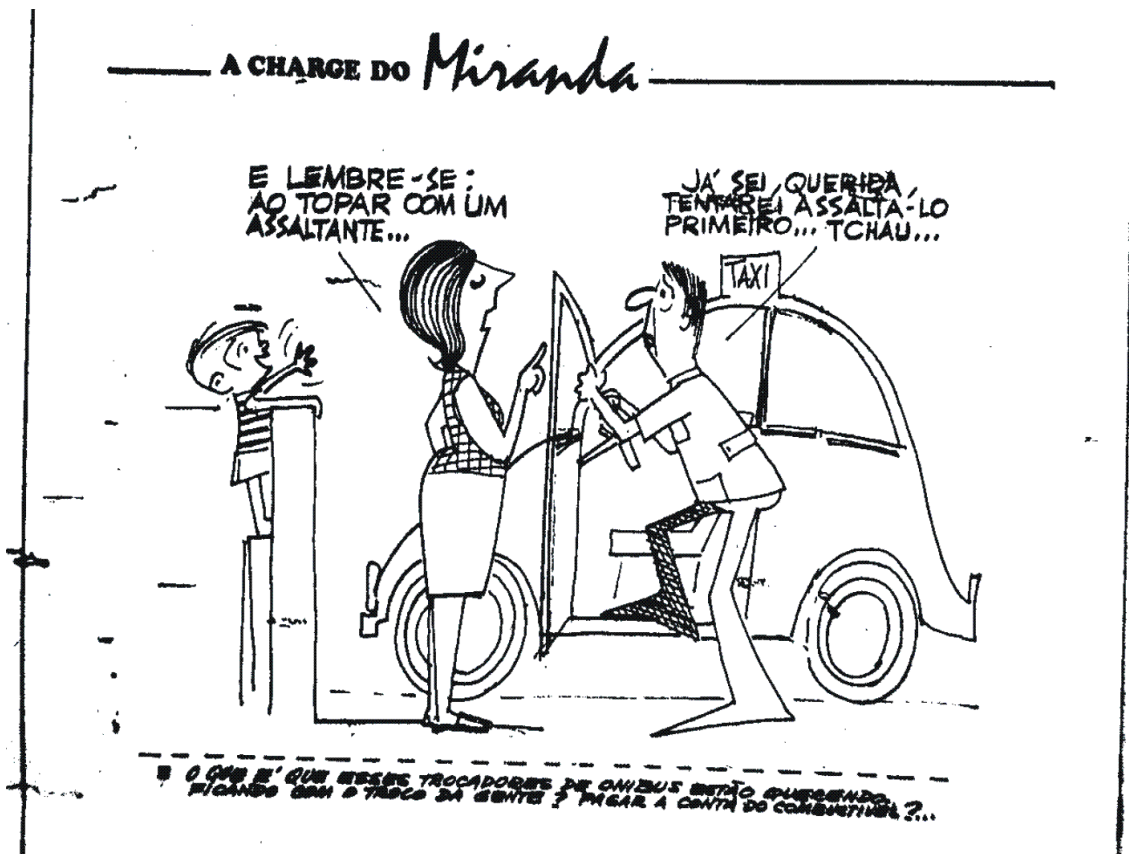
- O discurso social contra a aprovação legal do divórcio causou impacto na sociedade, pois envolveu diretamente a igreja e a sociedade. Os avanços dos direitos civis em relação aos direitos da mulher ampliaram-se neste contexto, marcado, sobretudo, pelas transformações sociais.



03.11.1975 – Segunda Feira

- Vai começar o filme "Reino Selvagem"
- É sobre o trânsito?

- A caótica situação do trânsito que, pela falta de infra-estrutura para suportar a demanda de automóveis, facilitada pela indústria, revelou os efeitos ambivalentes da modernidade, aplicada, através dos projetos, de forma desenfreada e sem planejamento social na cidade.

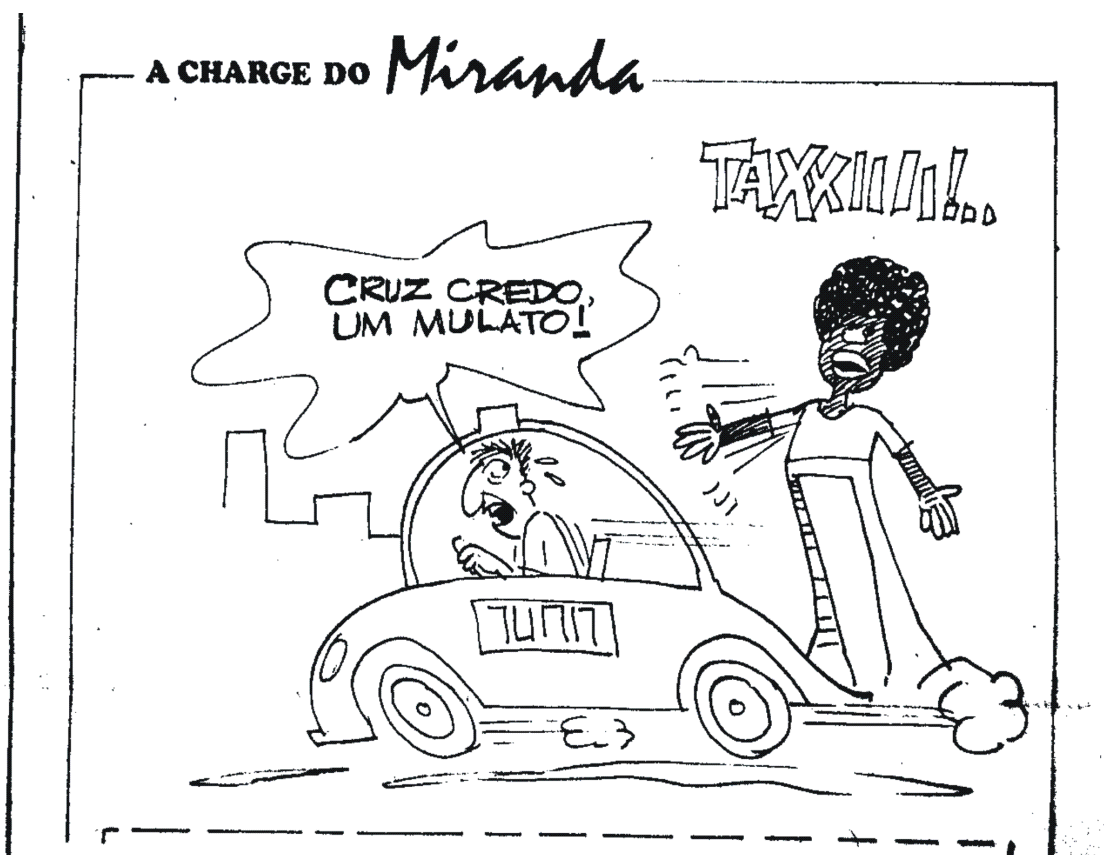


07.10.1975 – Terça Feira

- E lembre-se: Ao topar com um assaltante...
- Já sei querida, tentarei assaltá-lo primeiro... Tchau...

Adicional: O que é que esses trocadores de ônibus estão querendo, ficando com o troco da gente? Pagar a conta do combustível? ...

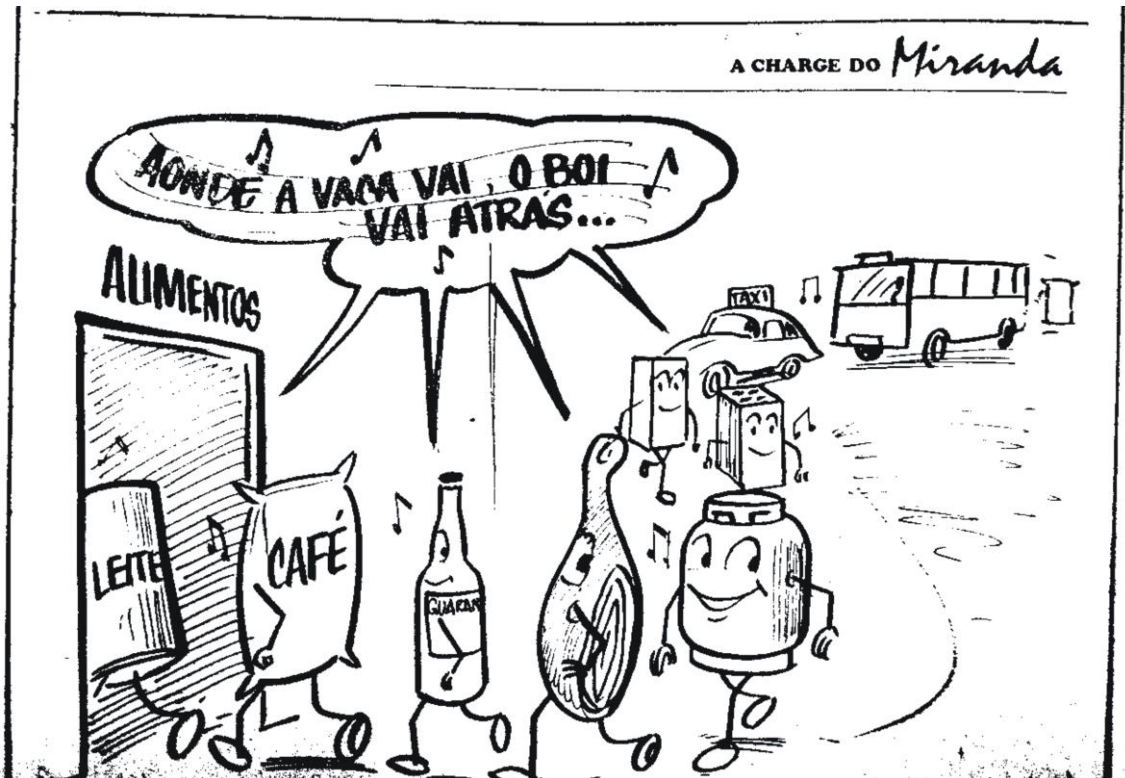
A violência, relativa aos assaltos envolvendo taxistas e demais civis, foi um tema bastante abordado pelo chargista. A onda de assaltos revelou a falta de um policiamento ostensivo e forçou a classe de taxistas a fazer movimentos sociais em protesto contra a criminalidade na cidade.



05.10.1975 - Domingo

- Taxi!
- Cruz credo, um mulato!

As denúncias envolvendo negros como principais suspeitos de crimes contra taxistas marcaram a história amazonense no caso dos “fiscões azuis”, como reporta a notícia: “Durante mais de um mês, diversos crimes – assaltos e atentados contra motoristas e estudantes – foram atribuídas a uma misteriosa quadrilha que passou a ser conhecida como “gang dos mulatos”, pois eram sempre vistos três elementos de cor escura na cena do crime”. A notícia, que data de outubro de 1975, ganhou forte apoio popular e desencadeou uma onda de recriminação social na cidade.



21.02.1976 - Sábado

- Aonde a vaca vai, o boi vai atrás...

- A inconstância dos preços em função da inflação causada pela desvalorização da moeda e dos planos econômicos de urgência afetou também o bolso do manauara. Percebemos na charge, que os produtos em fila são de consumo básico, demonstrando o contraste da sátira em relação ao “milagre econômico”. O transporte coletivo, demonstrado ao fundo, também sofreu um aumento em abril de 1975, revelando a caótica situação econômica que a cidade passou dentro do contexto de ditadura militar.

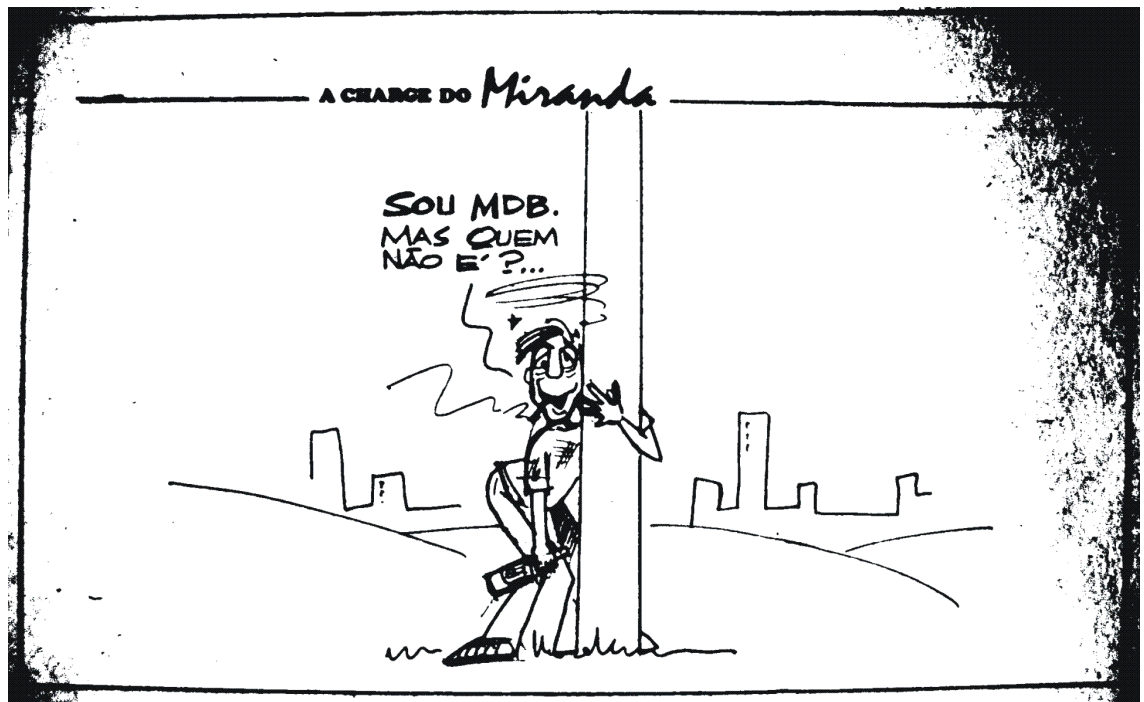
4. A **sátira política**, nos anos de 1977 a 1978 aparecem com maior frequência no periódico e trazem a tona temas que refletem o processo de transição política do país. Mostrarei rapidamente algumas delas:



03.07.1978 – Segunda Feira

- Qual a vantagem que você tem na conjuntura política atual? Você elege governador? Tem poderes para acabar com o voto legenda? Porventura você pode nomear senador Biônico? Você pode falar na TV? Então porque não fica comigo?

- A conjuntura política em 1978, ano de eleições, mostra-se bastante desfavorável ao MDB. Importante ressaltar na charge a descrição codificada dos elementos: A senhora gorda, com roupas conservadoras, representando o ARENA e o rapaz charmoso de terno representando o MDB. Posturas políticas distintas e diferentes projetos de nação exigem diferentes fisionomias.



23.05.1978 – Terça Feira

- *Sou MDB, mas quem não é?*

- O crescimento e aceitação do MDB junto a população mostra-se ameaçador ao ARENA nas eleições de 1978. A charge satiriza o eleitor e demonstra o claro enfraquecimento do ARENA junto a população.

IMAGEM 10



22.09.1978 – Sexta Feira

- Bem, acorda, ta começando o horário político!

- Zzz...

- Dentro de um país tão marcado pela corrupção, somente o contraste entre a necessidade de movimentos sociais com o total descaso político da população pode nos traduzir a ausência de humor no Brasil. A corrupção se tornou uma marca tão inerente à política brasileira que já não gera contraste suficiente para um sentimento de estranhamento.



26.10.1978 – Quinta Feira

- *Como vai a barra? Tudo bem?*

- *Levando as minhas cacetadas, mas a gente chega lá...*

- Mesmo com os obstáculos da Lei Falcão, criada em 1976 para conter o acesso dos candidatos do MDB à rádio e televisão, em virtude das derrotas municipais, a charge demonstra o processo de enfraquecimento político do ARENA nas eleições do ano 1978.

7 – CONCLUSÃO

Pela pesquisa realizada até o momento, sob o domínio dos cinco anos que envolvem parte do recorte temporal (1974/1975/1976/1977/1978), percebemos que Miranda representou diversos fatos políticos e sociais do seu tempo sem a tendência de seguir abertamente uma postura “ortodoxa”. Ora criticava a ausência do Estado, pela falta de projetos de infra-estrutura, ora defendia o conservadorismo ético e moral de seu contexto social, demonstrando um discurso que talvez possuísse de fato *uma função social*, que era justamente o de restabelecer seus padrões a partir do sentimento de distanciamento causado pelo riso satírico, como já mencionado nas teorias do filósofo Henri Bergson.

Entretanto, podemos também analisar o seu discurso contra o Estado como uma forma de demonstrar a necessidade de sua existência, ou mesmo que suas críticas contra as transformações dos costumes possuíam um público ávido por tais verdades, já que faziam parte do imaginário social do contexto.

Mesmo as fontes apontando que o *A crítica* possuía uma forte vinculação com os militares, sendo, portanto, um jornal de direita, percebi durante a análise das charges que Miranda conseguiu um espaço maior dentro dos temas de *crítica de costumes*, nos anos correspondentes a 1974 a 1976, talvez pelo momento político e social exigir a produção e tais temas.

O Estado possuía um controle efetivo das informações direcionadas aos temas sobre política, através do SNI, revelando talvez o motivo da curta produção de charges sobre o assunto.

Com o decorrer da pesquisa, apareceu certa mudança no teor do discurso, em virtude da abertura política, já então iniciada pelo General Ernesto Geisel em 1974. Este processo gradual de abertura acompanhou os movimentos internos da sociedade e produziu conseqüentemente outras posturas diante da situação política em 1978, demonstrando uma nova demanda de temas, já que o Jornal funciona como uma

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. 3 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.
- BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo, Companhia de Bolso, 2007.
- MINOIS, Georges. *A História do Riso e do Escárnio*. São Paulo, Editora UNESP, 2003
- SILVA, Marcos A. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo, Editora Marco Zero, 1990.
- FONSECA, Joaquim. *Caricatura, a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, O contexto de François Rabelais*. 2ª edição, São Paulo-Brasília, HUCITEC, 1993
- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento*. 2ª Ed. – Manaus: Editora Valer, Edua e INPA, 2007.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60*. São Paulo: Editora Ática S.A. 1992.
- PORTO, Arlindo. *Umberto Calderaro Filho – Legenda de Trabalho e Amor pelo Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2007.

ARAÚJO, Maria Celina Soares; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso.
Visões do Golpe – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004